

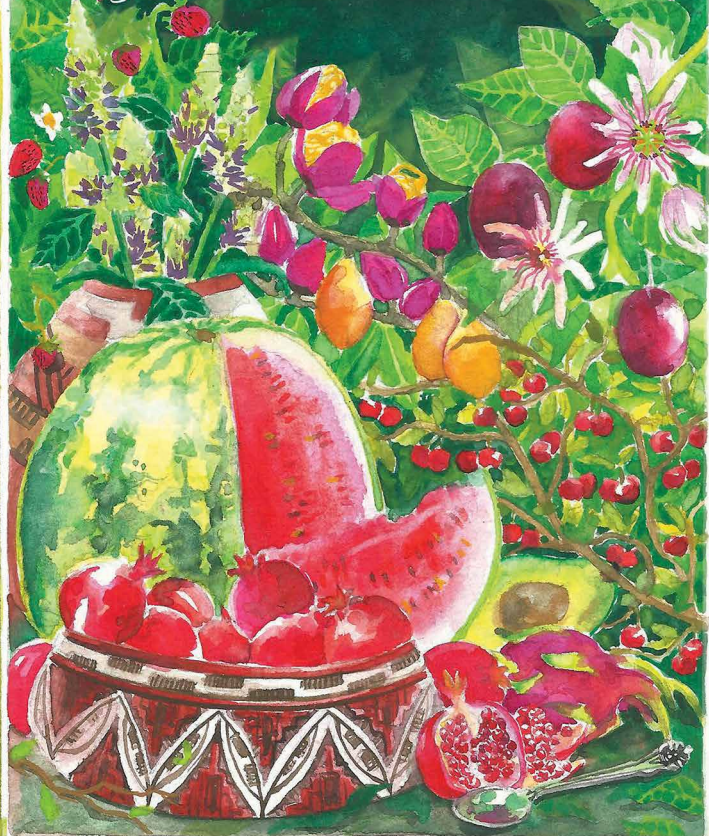
Luíza C. Manhães

Só Livro Bom



ANA PAULA ARENDT

A CRIAÇÃO DE *Pindorama*



A CRIAÇÃO DE *Pindorama*

SAMBAS E CHORINHOS PARA UM
RECÉM-AMOR DE INFÂNCIA

ANA PAULA ARENDT

BRASÍLIA
2016



Ilustração da Capa:
Luíza Manhães

Projeto Gráfico:
Railssa Alencar

Diagramação:
Ars Ventura Imagem e Comunicação

Revisão:
Francisco Merçon

Impressão:
Gráfica Prudentópolis

Agradecimento:
Itamaraty

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A728c

Arendt, Ana Paula, 1980-
A criação de Pindorama / Ana Paula Arendt ; ilustração Luíza Manhães:
Brasília, DF : Só Livro Bom, 2016.
104 p. : il. ; 18cm

ISBN 978-85-920755-7-6

1. Poesia brasileira. I. Manhães, Luíza. II. Título.

16-30710

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

25/02/2016 25/02/2016

Direitos reservados.

Só Livro Bom/Ana Paula Arendt
E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com
Site: www.anapaulaarendt.com

Foi feito o depósito legal.

Copyright © Só Livro Bom 2016

Aos habitantes resilientes de Pindorama.

Dedico este livro delicioso a meu Uiracy.

Para Uiracy deleitar-se de tanto sorrir.

One Parle prendt



PRÓLOGO

Hoje, ainda pela manhã, sonhei que encontrava a autora na 411 Sul, perto dos apartamentos funcionais do Itamaraty. Ela estava acompanhada e, muito tímida e formal, se recusava a falar comigo. Acordei com a sensação de que era tempo de escrever para ela este prefácio. A Criação de Pindorama me parece, e me pareceu, desde o início um grito. Um grito solitário de coragem, de alguém soltando sua voz bem alto e esperando ou querendo que certo alguém por favor a entendesse, palavra por palavra, verso por verso, sentimento por sentimento. É um livro escrito com o coração, a despeito do cuidado (cerebral?) com as palavras. Trata-se de obra escrita com liberdade e intuição, embora as palavras também aprisionem e emperrem. Gosto do livro, gosto da poesia, gosto da verdade inocente nele impressa. Gosto da paixão e desespero dentro dele. Me encanta a sinceridade de anjo. Gosto da menina dentro da mulher que o escreveu. A menina guiou tudo. A criança falou mais alto. Tenho certeza de que a gurua curou a mulher e que a mulher acolheu a chirua, como se diz em

Cunhapora. Cunha de todo lugar, de todo canto, mãe, profissional bem-sucedida. Que prazer escrever esse prefácio!!!! A escritora e o livro me inspiram a olhar mais para o ser humano em mim e nos outros. Musiquei um dos poemas, talvez o mais singelo. Não lembro mais como foi. Só lembro que o poema me escolheu e aqui estamos Ana Paula e eu numa parceria. Convidando-os a viajar mar, oceano adentro, e a se apaixonar pela franqueza, elegância e abertura das estrofes a seguir. Permitam-se conhecer um dos aspectos de Ana Paula Arendt.

Brasília, 3 de janeiro de 2016

Aminthas Angel

“Ao nos aproximarmos da praia, fico em pé na proa para desfraldar as cores de Castela e León, o castelo dourado e o leão púrpura, e as listras vermelhas e amarelas de Aragón. Atrás de nós, Santa Maria, Nina e Pinta estão ancoradas em uma baía protegida por recifes de um coral poroso e róseo jamais visto por um europeu. [...] À medida que nos acercamos da fascinante praia, experimento uma sensação intensa... O vento agita levemente o estandarte real... Levanto um pé descalço sobre a amurada. Mas espere, este é um momento histórico. Estarei preparado para ele? Ao dar aquele primeiro passo em terra, por acaso eu pronuncio alguma coisa imortal e profundamente apropriada, escolhendo minhas palavras como um desafio nos desvãos da História para os intrépidos exploradores que estão por nascer? Por acaso eu digo, ao plantar o estandarte real na praia, ‘Um pequeno passo para um cristo, um grande passo para o cristianismo’, passando a perna em Neil Armstrong em quase quinhentos anos? Não, eu não tenho meio bilhão de espectadores no mundo inteiro assistindo ao meu feito, nenhum jornal adquiriu os direitos de publicar minhas aventuras em troca de uma enorme soma em dinheiro, nenhum editor me

fez qualquer adiantamento milionário para o chamado Diário de Colombo, não existe nenhum centro de controle para monitorar todos os meus movimentos. [...] Assim, não pronuncio nenhuma frase de efeito para a posteridade. O que eu digo, inquieto e com razão,... É apenas:

– Tem alguém lá no mato.

The Memoirs of Cristopher Columbus, Stephen Marlowe, 1987.

Há muito tempo, quando não havia civilização, Maria de Lampedusa, navegante mulher do século XIV, chegou a novas terras antes de Cabral. Encantada com a luz que escapava das folhas das árvores e repousava no solo quente de seus caminhos, cujo calor sentia nos pés descalços, enquanto buscava os limites de tão formosa terra, encontrou Ubiracy. Viu seu vulto.

Depois disso, sua vida nunca mais foi a mesma. Corujinhas do cerrado traziam-lhe na noite escura bilhetes bizarros enrolados em seus bicos; cinzas efervescentes, em reviravolta no ar, revelavam a Maria de Lampedusa o rosto inefável de Ubiracy, em uma dança de capnomancia. As Maritacas a despertavam anunciando os doces toques do corpo do índio, e o canto dos passarinhos, ao longe, limitava o burburinho das melodias religiosas indígenas àquele solo, entoadas em suas canoas por sobre as águas.

Naquele silêncio profundo e sagrado, quebrado apenas pela voz das aves, Maria de Lampedusa encontrou o corpo formidável do índio Ubiracy, quando a alcançaram não somente as cores do seu sorriso, mas também os tons

daquela voz baixinha que murmurava amor pela madrugada afora. Na espetacular abóbada celeste, transitava a noite e escalava o dia, e Maria de Lampedusa seguia observando os pelos do peito formoso e desnudo de Ubiracy ocidental, perdida de amor por aquele índio que não falava, não escrevia. O índio que em sua solidão resignada alimentava esperanças de um dia entender a língua de Maria, portuguesa, dramática e literal.

Escrevia, então, Maria de Lampedusa, incansavelmente, a seu amor Ubiracy, no esteio do que entendia contribuir para que ele a amasse. Queria criar um país para ele, onde Ubiracy, cacique macho notável, não fosse cobrado nem tivesse responsabilidade alguma, para viver feito índio, nu e belo, jogado sobre o corpo dela.

Mal sabia Maria de Lampedusa que o país que ela criava já existia. E que era o mundo de Ubiracy que se lhe revelava aos poucos como se apenas tivesse sido inventado há pouco...

...Era a criação de Pindorama.





OMUNDINHO DO ITAMARATY

Meu mundinho
É um mundão
Passarinho
De montão
Colorido
E mansinho
Pois eu quero
Seu carinho
Sem você
Não sei, não.
Neste mundo
De trejeitos
Quem me dera
Ser desfeito
O laço do mundano
Te ver de vários jeitos
Viver num mesmo plano
Do presente descontente
Que a gente partilha
Fazer amor sem gente
Você e eu
Na nossa ilha.
Mas você não me vem
Pra eu poder te dizer

Com o meu olhar sem jeito
Que a loucura é ver direito
O defeito do outro
Que o amor é que é perfeito
E um só beijo é muito pouco.

BEIJO DE CRIANÇA

Minha boca de criança
Me cansa
Fala de tudo, em qualquer lugar.
Minha boca de criança
Nada mansa
Impaciente, de ter de esperar.
Sustenta o instante,
Boca infante
Bendito seja
Teu farfalhar!
Só beija de verdade
Quem vive nessa idade
Quem sente com os lábios
Sabor de um retorno
Ao verdadeiro lar.

CHORO

Palavras que repetem
Palavras que me esquecem
Palavras que adormecem
Enquanto o sono não vem
Palavras que em si merecem
Mais amor do que ninguém.
Palavras que te dei,
Quando ainda tinha anjo
Palavras de menina,
De ser mulher, de marmanjo
Mas palavras são palavras
Palavras não são ações
Palavras não te visitam
Em busca de decepções.
Ainda assim eu fui
Te dizer, te quero bem
Te dizer, que só poema
Faz fazer falta de alguém.

HOMEM SAGRADO

Quero um homem sagrado
Bem bonito, bem penteado
Nada de densos braços sarados
Ou trabalhados rijos glúteos
Nada de homens auto-implicantes
Que decoram meus folíolos lúteos.
Deixo às neuróticas, os bêbados
Às patrióticas, os babados
Deem-me um homem bem arrumado,
Homem que passa perfume!
Homem que faz a barba
Todo dia, de ciúme.
Quero homens sagrados
Que à noite pedem a bênção
Depois de passar horas em claro
Conversando, enquanto pensam.
Quero homem que gosta
De ver novela das oito
Homem que diz que não chora
Quando se vê muito afoito.
Que acredita em minhas histórias,
Que me guarda em sua memória,
Pois que a vida é, quando muito,

Muito empenho em pouco intuito,
Pura fé no amor fortuito.

NA FLORESTA

Ubiracy,
Seu ser mais delicioso
Que sorvete de bacuri!
Se eu te vejo neste despojo
Sinto aroma de patchoulí
De quando eu abria uma gaveta
E enchia o quarto.

Não é seu pai
Nem seu filho
É a mulher dos três partos.

Ubiracy, se eu choro assim
Não fui eu que me embeveci
Foi você, com seu beijo
Que encheu a casa de patchoulí.

RECÉM-AMOR

Ubiracy.

Eu já te disse o porquê.

Porque seu corpo brilha

E seu olhar me encanta

Seu cheiro inspira

E andar balança.

Porque te agrada, mais que aos outros,

Se ver no altar que eu fiz.

Pra te exaltar e te perder,

Ser todo dia mais feliz.

Ubiracy, só um beijinho!

Porque pedir

É melhor do que roubar

Melhor do que roubar seus gestos,

E em manifestos,

Fazer minhas poses.

Melhor que não funestos,

São suas mãos

Dedos que rocem

Meus cabelos livres, enfiados,

Sua boca umedecendo

Meus lábios ressecados.

Melhor sua luz circumspecta
Que em mim refletida
Incida em um sorriso!

Eu estou muito apaixonada,
Apaixonada há muito tempo.
Olho pro céu, fecho meus olhos
E vejo você por dentro...

É mais difícil ainda estar longe
Tendo você ali, bem do meu lado.
Sem poder te olhar nos seus olhos
Com o seu peito entusiasmado.

Estoy uruguaya

*Necesito tus pelos
Necesito de tí
Necesito tus cabellos.
Necesito darte a mí.
Necesito verte
Necessito verte a tí.*

*Necesito tu cheiro
Necesito de tí
Necesito saberlo
Si te gusta más a mí.*

LAVANDO A ROUPA EM PINDORAMA

Solidão do amor sem fim
Ter paixão, queimando assim
Combustão que me levasse
Para além da dor e enfim
Ter você perto de mim
Ver vencido o mesmo impasse

Dos velhos medos amargurados
De beijo inerte na face,
De reprisados enredos,
De pedir que eu me afaste.

Mas tão bom que o meu amor
É maior que esse desgaste
Me acalenta esse calor
Vou viver, e amar me baste.

O AMOR SUBLIME

Perdido em uma memória,
Recuperada sem método,
Festejada em uma história,
Veia aberta em sono tépido.

Veio o lábio bem molhado,
Em resposta a uma infante
Que se declarou num disparo
Que te olhou com o amor de instante.

Veio sigilo guardado,
No abraço terno e brilhante
Foi-se o tempo amargurado,
Dos gestos bem planejados,
Das palavras pedantes.

Eu te guardo em um poema,
Mesmo sem saber se está
Entre as suas coisas.

É o véu da ambiguidade,
Do silêncio, da vaidade,
Que protege o itinerante
Amor que me persegue

Pois que não é chama,
É sombra: aonde vou,
Seu amor me segue.

Foi um plano bem urdido,
Cobrir-me com manto
De um sonho profundo.
Sem palavras, sem pruridos,
Apenas um mesmo mundo.

E como num gesto de fé,
Num ato falho,
Sigo te amando,
Sem saber quanto valho
Em sua manhã bem disposta.
Penso em te fazer rir
Penso no que você gosta.

FAZENDO AMOR NA LUA

Luzes sussurram
Vão retorquindo
Os sons pesados
Dos sonhos vindos.
Costuram a porta
Do nosso quarto
Paredes vibram
Enquanto exalo.
Toco em seu rosto
Carinho Mudo
De braço extenso
Na roupa intruso.
Há placidez
De não ter muro
Suave tez
De amor no escuro.

O FETICHE

Mordeste estrenuamente
Meu lábio inferior
Num fetiche, fez demente
Fez Maria morrer de amor.

Despertou no dia seguinte
Com mensagem escusa
Ubiracy tinha se ido
Restou só a noite escura

Que se prolongou
Pelo fim dos tempos!
Estendeu-se o mesmo dia
Viver sempre o mesmo tormento!

Maria de Lampedusa,
Casada n'alma! Com Ubiracy!
Não tinha como escapar
Não tinha como fugir.
Só lhe restava amar!
Só lhe restava sorrir!

SONETO DE AMOR PERFEITO

Gestos rasteiros, de que me valho
Nas horas livres de solidão
Impercebidos, juntam meus traços
De um fardo leve na sua mão.

Pois se me faço indispensável
Não é em função de um certo medo,
É seu coração que em mim dispara
Toda a angústia vivida em segredo.

E assim, como quem guardou tibia vontade
De algo maior, que em si coubesse
De recolhidos os instantes, arrebatarse

Possa o desejo em doce prece
Deleitar no despudor em dar-se,
Ressonar, na alma vazia,
alva e ígnea verdade.

ÓSCULOS E AMPLEXOS

Irreverentes, circunspectos
Sobre olho de boi convexo
São três olhos, sete despertos
Entre ósculos e amplexos.
No castelo sobre a pedra,
Escadarias bem lavadas,
Refletindo a alma pura,
Rente ao peito, entusiasmada.
Lá em cima o ar respira,
Ilumina, estremado
E da noite mais escura
Raíam dias mais dourados.
É que o fim é mais bonito
Quando a gente faz de novo
O que já pensou um dia
Em reflexo silencioso.

A MORTE INVISÍVEL

Invisível veio a sensação entumecida
Do esperneio inútil,
Da vaidade vencida,
Do devaneio fútil.
Invisível veio a dor enfraquecida
De lamentos já senis,
De elevar-se e tão somente
Deixar as proezas hostis.
Invisível era o homem
Este, aquele outro
Aquele que eu vi ontem
Aquele que eu vi há pouco.
Por pouco não vou junto,
Por pouco não atendi convite
De ser invisível como eles,
De deixar de dar palpite.
Mas invisível veio,
Vontade de te querer.
Vontade de estar no meio,
Vontade de te tecer
Um manto de ciúme,
Um cheiro de perfume
Cheio de vincos dourados;
Que recobrem sono inerte,

Que envolvem o quebrantado.

Viva vontade de se brindar

Velha vontade de ter amado.

DESCOMPLICAÇÕES

Vi nos olhos escuros da noite
O canto etéreo de bruma espessa
Em que astros protervos não falam:
Em peitos vencidos não mora soberba.
A eles veio o chão de ciúme
Onde se esfacelam os crânios
Dos que pouco pensam,
E de pensar se privam.
Recolhidos de suas impróvidas mentes
Talhadas nas incertezas dos reparos
Lançaram-se ao mar profundo
Estúpidos
Onde se amaram.
Acesa modéstia, em seu lindo lume
Sem súplicas
Descomplicaram.
Desejo eterno, de ser querido
Afago terno, e enaltecido
Manhã de hoje, iluminada
Ávido, tépido, átimo, íntimo!
Descomplicado.

VERSINHOS

Conversa não reduz distância
Mas aproxima ideias.
Palavras não fazem lembrança
Mas reduzem misérias.
Miséria ínelita
Miséria boa
Me faz a vida
Ficar à toa
Mísera vivência
Que a si perdoa.

LUA DE MEL

Um poema por um beijo,
Antes que de ti me afaste
A consumação do desejo,
Rosa segurada pela haste.

Entusiasmo arrefecido,
Sorrisos não mais contidos,
Ansiedade sem pruridos,
O quotidiano face a face.

Leve-me enquanto ainda treme
A realidade turva,
Das palavras vaporosas
Dos breves silêncios mudos
Do lábio doce na rosa.

A VISÃO DE UBIRACY-ESPOSA

Te vi passeando num shopping, de manhã,
De shorts e chinelo
Batendo papo sobre o último jogo
de futebol
Com um amigo, e vendo as vitrines.

Te vi andando em direção à praia,
Com jornal debaixo do braço,
Assobiando uma música.

Te vi bebendo uma taça de champagne,
À noite, despreocupado,
Sem precisar fazer súplica
Nem jogar charme.

Te vi pensando no que ia fazer neste final de
semana,
E pensando se tinha vontade ou não
de ler o jornal.
Te vi sorrindo de manhã, preguiçoso.
Te vi sensacional.

Te vi segurando uma coisa linda,
Cheirando e sorrindo,

Uma coisa cada dia mais linda,
Todo felicidade, todo itinerante,
Empurrando carrinho.

Te vi me corrigindo, me dando lição
de moral.

Me acordando de madrugada, para
fazer amor.

Pedindo para eu dizer que te amo,
Pela milésima vez,
E ainda todo inseguro.

Ubiracy,

Te vi sendo minha esposa.

A profissão mais bela de todo o mundo.

É que já se tinham passado séculos,

E ao homem, como no Jardim Secreto,
se permitia tudo.

Mas na mata, tristemente, os pássaros tergi-versaram, em canto melodioso choraram as mais tristes notícias. Maria de Lampedusa havia adoecido! Seu coração já não mais palpitava e, desmaiada no corpo inerte, observava o teto de sua cabina, onde não sentia mais que o amargo sabor da desesperança. Ubiracy não lhe respondia; era o fel na boca de Maria de Lampedusa, quem havia se entregado tão docemente à inocência de amar como quem se apaixona pela primeira vez.

Ubiracy era-lhe distante, e todas as memórias do Velho Mundo inundavam a alma da moça, todos os modos de escárnio, de encontrar no limite da carne uma resignação ultrapassada, como quem se dá por vencido. Maria de Lampedusa via todo o horizonte de um sonho esvair-se, como se não houvesse estrutura na qual ele pudesse segurar-se e sustentar-se no ar. Tão frágil, a felicidade! Que com a brisa era levado o sentimento doce que inundara outrora a alma de Maria. Numa carta, lia notícias de seu senhorio, avisando da morte de seu irmão adotado, José Vilimino.

Irascível, Maria de Lampedusa sentia nos dedos a vontade irônica da verve incontida da não realização, da não consumação erótica do seu amor por Ubiracy. Perdida já nos conceitos caros à civilização ocidental, Maria de Lampedusa era levada pela ressaca da maré num dia inefável de tempestade, contra a qual não se pode lutar, nem esquivar, mas apenas manobrar à deriva tentando não naufragar no próprio ressequido sentimento.

Maria de Lampedusa ressequia, e vinham-lhe as memórias de todos os deleites que ela menosprezava para manter-se num nível superior à toda prova, em cima do qual ela relativizava a importância de um amor qualquer.

Nesse desenrolar fático, em que as coisas terrenas sucedem inevitavelmente à calmaria celeste, Maria de Lampedusa se recordava de tantos cargos e honras ocupadas em passado tão recente, e seu orgulho se reconstruía em meio aos escombros das memórias de seu lar.

Junto com a carta de seu Senhorio anterior, vinham também notícias de leituras anteriores, de

porfazeres no porvir que o dever chamava imediatamente de volta. A Coroa reconvocava Maria de Lampedusa a imediatamente comparecer às investigações que se transcorriam a milhares de quilômetros de Pindorama, mensagens espúrias chegavam-lhe a seus ouvidos, prementes, a que Maria de Lampedusa deveria atender para prosseguir no seu trabalho, no seu vínculo com seus subordinados. Faziam-na sentir-se responsável por eles.

“Oh! Que golpe baixo recebo destes homens! Já não é mais permitido a uma mulher ocupar sua própria condição! Já não se pode mais ser frágil!”

Maria de Lampedusa tentava fingir-se débil para não mais ter que trabalhar, e viver indefinidamente naquele novo país indígena, paraíso gáudio pasargádico. Respondia disparates, ou silenciava-se tal como uma mouca. “Afinal, que é isto senão uma loucura maior”, dizia-se, “comunicar-se em tamanha graça de código, em tamanha informalidade natural aos termos do Ocidente, a ponto de perder-se na própria liberdade de fazer e de agir...?”

Maria de Lampedusa agora se sentia obrigada, obrigada a voltar a comer e cear como uma mulher ocidental, e reassumir tarefas inacabadas, malfeitas ou irrelevantes para Ubiracy. “Isso irá afastá-me-lo!”

E quando Maria de Lampedusa não ousava julgar-se digna das cartas que recebia, marujos abriam as cartas e colocavam sobre a mesa dela, e faziam-na ler sem obstar novos compromissos!

Então Maria de Lampedusa, despertando a cada manhã em meio ao amargor, na boca calada de desgosto ao saber do retorno à pátria mãe, do chamado dever, reza pela alma de Ubiracy, para que lhe venha como uma bênção inefável, fulgurante, efusiva. Efluindo da alma de Maria, emanava sutilmente a fragrância do bem-querer de Ubiracy.

PRESENTE IMPERFEITO

Pairaram sobre as copas das árvores
As mil tonalidades verdes,
Aninhadas no canto triste das aves.

Caminhos abertos
Aguardavam o passo humano,
Benfazejo,
Preencher seu sentido.

Curavam-me os versos repetidos,
Com beijos sinceros, contidos,
Segurando suas mãos ao longe.

Já não exprime amor,
A palavra de solidão.
Era tão doce.
Amar sem senão.

O VAZIO

O vazio é indigesto
O vazio é a fome
É o não estar perto
O vazio é o renome
É a falta de gesto
De quem só se consome
É um tempo funesto
Que nunca passa no homem.
Que contenta com resto
Pois por mais que beijos rondem,
Sem amor, é desonesto,
Sem amor, tudo some.

A SUPER-VISÃO DO AMOR

O fragor de uma cachoeira
Os vários níveis de uma eira
O silêncio do trabalho
Sob o som de uma música.

Pés no crisol purificados,
Fogo nos olhos chamuscados,
A paciência de ser em mim
Sob a chaga de uma dúvida.

O passarinho ali na árvore.
Uma garrincha na caliandra.
O cutipuruí no pincel.
As caliandras todas floridas,
De flores brancas e rosadas, sem rima,
A cambaxirra saltitando nos galhos.

O burburinho dos carros levando as crianças
para a escola.
De manhã cedinho.
A cor rosa esverdeada
De olhar você com carinho.

ESTRELA DA MANHÃ

Mergulhada no próprio tormento,
escuro desgosto em si tornado,
vem-me a manhã, no pensamento,
o fulgor de seu beijo calado.

Depois de perdido no longo anoitecer,
toma meu corpo, em luz viva e alva,
antes de doce sonho desprender-se,
e de na terra cair a minh'alma.

Súbito brilho que despertando exala,
em palavras se corromperia
sua tão esplêndida cura de amor.

Apenas caberia num simples bom dia
Agradecido, sem achar-se digna de dor
E arrefecer-se em prescindir da fala.

OS ÍNDIOS AMAM PRESENTES

Ubiracy, que sou índia, agora que te vivi,
E deixo-te estes presentes que tanto queres.
Sê feliz, logo parto, tenha a mim junto a si,
Pois da terra somos apenas seres
muito reles.

Teu silêncio é meu presente, Ubiracy.
Nele posso ouvir meu próprio canto,
Nele reflito-me íntegra sem rodeios,
Em teu silêncio não fujo, tudo é pranto.

Ubiracy, fui tão sincera.
Sem ti não posso viver, Ubiracy.
Na noite profunda, só um vento
elísio espera.

Que melhor seria levasse martírio e medos,
Soprasse enfados, fétidos ares,
néscios enredos,
Lástimas lúgubres, perdidas âncoras,
degredos.

OMAR CHAMA

Do mar ouço a brisa rebotar na praia,
Couraça da terra silenciosa.
Vejo Ubiracy ao longe, em sua cambraia,
Julgando-me moça manhosa.

Como pode o índio sentir dilema,
Se tudo nele é puro e plausível.
Mas sigo sem vontade alguma,
De náusea plena, ante o ar intangível.

Estende-se o mar amplo, logo adiante,
Que posterguei, com força oculta
Aguardo-te com o velho medo
De sua mais sincera desculpa.

O PENHASCO DO DESAPAIXONAMENTO

Amor não correspondido
Ensimesmado
Forçado a ser contido
Bate no peito, calado.
Amor de um mesmo dia
Várias vezes reiterado
A cada passo ressurgia
Num trejeito precipitado.

Se a vida não é justa
E não vivo ao seu lado
Fosse a terra mais vazia
Distância e tédio,
Desconvidados...

Venha logo, antes que havia
Meu coração desapaixonado.

POEMA NOTURNO

Neblina de sol poente,
Espalha luz amarela imanente,
Antes da chuva anunciada
Por um pedaço de arco no horizonte.
Sustenta no ar a leveza dos amantes
Dos corpos indiferentes, carinhos distantes.
Freme a brisa no rosto febril
E resplandece um brilho de nada
Nos olhos pesados, de convalescença.
Se o corpo se move, é apenas por crença
Num amor que, se deixando não saber,
Em mistério tramado ainda se desconhece.
Se alimenta da prece adormecida
Que desperta na noite, em sussurro
De beijo tórrido e apaixonado.
E mergulhado em sonho livre,
Satisfeito apenas por cansaço,
Tece a manhã com seu canto.
Ininterrupto segue, adoecendo-me,
Em silêncio incorruptível de carícias.

O DESTINO

A nau partiu,
O destino capitulou
O destino dos marinheiros,
Na fragata que zarpou.

Maria de Lampedusa,
Escondida na mata,
Olha como um felino.

Fugiu.
Saiu correndo, seminua,
E pensou:
“Preciso comprar lâmpadas”.

A CORRIDA NA SELVA

“Ubiracy, Ubiracy!”

“Onde estás, mostra-te!”

Maria de Lampedusa,

Arfante, desertora,

Aspirante a Ubiracy

Destemida!

No Ubiracies

Oh dear, Ubiracy.

I can't see you.

You left me

To rhymes empty of sense.

Sense-emptied.

You left me

To my own proper nonsense.

Now I wander

In the jungle of my own country

Far from courts,

Slow and wisely,

Watching flowers,

And utterflies.

PINDORAMA PRESTES A EXPLODIR

Cresceu uma teia de aranha
Entre o meu teclado
E a tela.
Ela balança
Com o ar condicionado.
Acena minha pança
Singela.
Tem planta ali fora
Depois da janela.
Ubiracy é carioca
Ubiracy é exigente
O homem dele coloca
Minhoca na cabeça da gente.
É a destruição de Pindorama
É a destruição iminente!

O FRACASSO EM PINDORAMA

O fracasso em Pindorama

É um sucesso.

PORNOPOEMA

Imobilizada no chão
Pela vontade masculina
Sou uma vítima fácil
Da ferocidade lupina.
Semirroupas rasgadas
Mãos amarradas,
Boca molhada
E dentro uma língua
Sufocada e arfante
Só vejo o semblante
Do homem pujante
Punindo a menina.
Se fujo
Me força
Seu dedo não roça
Minha dor alucina.
Jogue seu corpo
Enquanto me olha
Controle meu rosto
Com mão vigorosa
Bata com força
Me vire por trás
Suspire no ouvido:
Somos animais.

Aperte meu seio
Morda meu braço
Penetre meu corpo
Desfaça meu laço
No perfume ondulado
Liso e dourado
Encontre um lóbulo
Pra ser degustado.
Inalo seu hálito
Contenho um gemido
E você se desfaz
Exausto e vencido.

O BANZO PÓS-LUXÚRIA

Onde está minha lição
Ninguém mais pune
Uma falta de projetos
Minha ênfase perdida
O plano que não deu certo.

Ninguém mais me ilude
De fazer algo por mim
Ninguém mais amiúde
Vem fazer sexo por mim.

Não justifico mais nada em poema
Não sou poeta
Apenas do que valeu a pena.

Onde está o homem perfurado
Desiludido
Que eu acendi?

Onde está o macho destemido?
De atitude que desferi.

Já não faço homem.
Já ninguém me encanta.
Já não tenho fome

Afinal, de que adianta?

Tudo muito difícil

Tudo muito bem

Tudo de fato é suplício

Para quem demais já tem.

A PUNIÇÃO DE MARIA DE LAMPEDUSA

Oh, não fui.

Veio a verve,

Fui a feia,

Não fui.

Mas que verme.

Ubiracy.

Pindorama

É onde nasci.

Ubiracy.

Pindorama

É aqui.

UBIRACY NÃO É DE PINDORAMA

Oh, Ubiracy,
Que me fizeste fazer
O país da desnecessidade
De retribuição.
Da falta de reciprocidade
Da falta de consideração.
Que me fizeste fazer
O país de quem vive de vontade,
À vontade, em liberdade,
Sem precisar nunca dizer não.

Ubiracy, criei-te um país!
E não o quiseste,
Viver em delírio,
Como um cafajeste?!

É que vejo Ubiracy,
Logo ali, fazendo outra coisa.
Porque aos índios não importa
Fazer certa coisa,
Nem enredos.
Não importa conhecer-se
Nem dissipar medos.

Que Ubiracy é homem,
E Maria, Maria é mulher.
Mulher precisa de homem,
Mas homem que é homem,
Não precisa de mulher.

Maria de Lampedusa respirou. Profundamente olhando no vazio, Ubiracy já longe, partido para a guerra, e ela pensava consigo: "Como vivem as índias?". Como poderiam viver de amor, aquelas mulheres, sem que o homem aparecesse, sem que o homem adormecesse, num leito cálido de beijo tépido? Como poderiam viver as mulheres de Pindorama, naquele mundo tão deserto, em que o homem é tão incerto, em que o índio te consome numa chama, numa chaga de amor? Como poderia resistir, a outros homens, sem Ubiracy, Ubiracy Nosso Senhor?

Maria olhou ali ao lado. Pajé, o homem rejeitado por cem mulheres, num belíssimo arranjo de plumas azuis celestes. Era o homem despreparado. O homem de lindas vestes. Perdido em infinitos conselhos pouco fundamentados, de curas, conceitos inventados. Lá estava o Pajé, olhando as índias, lambendo os próprios beijos, enquanto os índios haviam fugido para a guerra. E Maria de Lampedusa, doente, ali jogada, pensou no Pajé, entusiasmada. Que lhe trouxesse um pouquinho de leite de alfazema, já que não

havia lavanda por aquelas paragens, para se lembrar de sua pátria amada, tão distante, a que jamais pertenceu. Dos sonhos ardentes de amor demente, das alvas praias que só contemplam quem já morreu.

Maria de Lampedusa, respirando arfante, foi examinada, delirante. Com febre de amor a Ubiracy. Pajé sentiu com a unha, a pele macia de mulher, sorrindo num frenesi.

— Ora, Pajé! Se fiz um mundo tão sensacional. Um mundo aqui, um mundo real. Do amor vivido sem medo, e neste mundo, neste enredo, não me permito amar! Vou lhe contar um segredo: é lindo errar.

O LINDO ERRO

Espuma da ressaca,
No vento úmido do mar
Fazes voar as trocas,
Infinitas, a entoar
A mulher como negócio,
Embutido num preço,
Sopra a cura do ócio,
Sopra o amor deste apreço!

Mais brisa do mar,
Ressonando em cabelos,
Pajé e Maria,
Não têm muitos segredos.
Caminham de mãos dadas,
Sem precisar de enredos.

Pois é Pindorama.
E em Pindorama
O que importa é o gesto.
Em Pindorama
Tudo é honesto.

NO BAR TUPINIQUIM

Maria de Lampedusa
Bebendo tacacá
Observa a noite nua
Contempla o luar.

Já de cabelos longos
Almeja o luar.
Já não deseja,
Não tem tristeza,
Basta-lhe amar.

Ubiracy, ao longe,
Evangélico do sétimo dia
Prostrou-se aos dogmas
Ressentidos da vida ativa.
Não teve nenhum ânimo
Não teve iniciativa.

E Maria, numa regressão,
Reviveu duas vezes
A mesma desilusão.

(O índio garçom esfrega a cuia com uma
flanela, enquanto ouve as lamúrias de Maria
de Lampedusa, ébria de flores de jambu.)

Ubiracy!

Que te queixas, e tanto te danas!

Pois é desterro, de quem não ama

Viver a lamentar o erro dos outros.

Porque erramos todos, mesmo por pouco

Por que te foste, Ubiracy, seu mouco!

PINDORAMA

Melhor país que Roma
Melhor país do mundo
Melhor que bela soma.
Melhor que céu profundo.

Pindorama, minha pátria querida,
Em que as flores pendem tranquilas
Em ramas pudicíssimas de botões perfumados
Derramados sobre meus cabelos.

Pindorama, minha pátria que brilha
Nas copas das sibipirunas, a luz desvencilha
Crivada do fanal em dourados fachos
Repousados em meus luzeiros.

País onde os homens são livres!
E as mulheres também.
Mundo em que homem sensível
Faz mulher gostar de alguém.

Pindorama, terra de quem foi vencido
E vendido, viveu decepcionado
Terra que me deu abrigo
Terra do meu homem amado.

O CERCO AOS TUPYNAMBÁS

Ubiracy, agachadinho, de cócoras
Observa a tribo inimiga, por debaixo
Das folhas gigantes mesozoicas.
Observa as virgens franzinas
Os estoques de inflexíveis estoicos.

Um bando de índios homens o acompanha.
Silencioso, como um bicho.
Pele pintada, num capricho.
Dali a pouco. A guerra.
O sangue derramado. Na terra.

Ubiracy treme o corpo, em frenesi
Quer morrer, quer matar,
Quer limites, quer provar
Quer provar tudo pra si!
Quer provar
O corpo daquelas índias virgens!
Extraindo delas o doce néctar
Do orgulho masculino elogiado...

Ubiracy, no corpo de leopardo negro,
De sangue mal cabendo nas veias,
Sente o coração pra fora.

Mas quem é aquela mulher lá fora?
É Maria de Lampedusa, confraternizando,
Com a tribo que ele namora.

NO BAR TUPYNAMBÁ

Maria de Lampedusa,
Comendo vatapá
Pensa logo consigo:
“Ele não quer me namorar”.

É o choque de dois mundos.
Da civilização.
É o homem que quer perigo
E a mulher, desilusão.
É o encontro entre o índio
E a europeia de blusão.

É o homem que só castigo
Agrada-lhe até chegar ao ponto;
E a mulher que dá abrigo
Desagrada-lhe como um conto.

Como se a ele o conto fosse velho
Como se a ela conto fosse ficção
Velho demais para ser usado
Nova demais para a solidão.

Maria de Lampedusa,
Achou que podia ser índia.
Mas não.

O BOTE

Maria de Lampedusa,
Juntou Trinta tábuas.
Começou a construir
Um bote sobre as águas.

“Vou daqui,
Por este rio gigantesco
De lágrimas que chorei!”

Construiu, construiu, construiu.

Ficou pronto.

Olhou no horizonte.
Pensou, “Daqui vejo o mar”.

Daqui vejo a terra
De outro lugar.

Maria de Lampedusa, arrastando o bote: de saia meio rasgada, de tango decadente, degredada, sem batom, sem dente, sem nada.

— Gastei-me! Gastei-me nesta fez de Pindorama!

Gritava enfurecida, bravatas ao léu. Gravava amolecidas palavras no céu. Olhou para trás. Não vinha ninguém. Maria de Lampedusa cala. Ninguém me quer bem.

Remou, remou no rio. Do fundo negro, à cor barrenta, remava na solidão dos pensamentos esquecidos, que não anotava, guardados apenas para ser recuperados em sonho.

Via a borda, via a margem. Via cobra, cria coragem. Tirou de suas vísceras umas tapiocas de vantagem. Bebeu água de coco. Chegou a Santa-rém, e a Marajó, dali a pouco. E lá estava. Do outro lado do oceano, a sua terra. Lá estava. Do outro lado do oceano, aquela guerra. Guerra dos que resistem, dos que atacam, dos que preparam. Guerra dos homens tristes, que a mulheres desamparam.

Cantou um fado, triste, grave e longo. Conseguiu ver dali Algarve, a grande Espanha, um breve encontro. Logo além, antes de Malta, brilhava no coração do marinheiro mediterrâneo, Lampedusa. Lembrou-se de quem era. De um amor recôndito, distante e resguardado. Lembrou-se da velha árvore, do quintal de pomar bem pensado. Nos pátios de céu que abre, do ar puro e ensimesmado.

— Daqui não conseguirei passar da Jangada de Pedra, pois o trabalho de meu braço forte apenas me é suficiente para levar-me de um lado ao outro. Ó, Deus! Que socorre-me sempre por pouco! Apenas posso sentir-Te na brisa, no vento, na pele deste cansaço! Nas teias divididas, na desproporção deste mormaço. Terei sido egoísta, terei feito estilhaço? Ubiracy não me ama, e dele não me desembaraço! Contemplo a longa singradura, que não me afremosenta, finda a qual estarei certamente a afear todos meus aspectos, se não por necessidade e esforço, por inevitável desleixo e negligência que nos acomete em isolamento.

A FÚRIA DO MUNDO

Desfere o mundo sua gula sobre mim,
E meu corpo singra em isolamento pérfido.
Nas ondas imberbes, impotáveis,
Das águas sem rumo em que a mulher
navega.

Longo fôlego de enfatuar-se até o fim,
Sem ter no panorama um
próprio séquito.
De ausências céticas, inimputáveis,
Que cercam fardos dobrados que a mulher
carrega.

Se estão todos fartos, que fartem-se de si
Não fartem do meu mais do que prático
Verso que me sorri.

Se estou toda descontente, vou-me a outra
cidade
Saciar-me da indulgência
De quem tem necessidade.

O ESPETÁCULO DOS SÓS

A solidão não temo,
Cabe aos corpos intrépidos
Encontrar a própria alma.

A diligência do movimento,
Que nutre a vívida
Força que acalma.

É o pensamento,
Que vem por dentro,
E na mão coloca a palma.

Tão só me acho,
Que de contente
A vida dos outros
É meu espetáculo!

Tão nobre silêncio,
Que acende o puro pensar
Acalenta sempre a si mesmo
E promete solucionar.

A CONVERSA COM DEUS

Sofregou o ombro em âmbar
Minha voz então exclama
Ao ver molhado um quimero beijo.
Escuto a voz da luz em chama
E fremindo arbustos vejo.

Surge um sopro em meu ouvido
Que surpresa, é meu amigo
Na pressa de reencontrar-me.
É o meu mais certo abrigo:
É o homem com seu charme.

Marcas ao redor dos lindos olhos
Brilho intenso em seu âmagô
Aconchego em manhã impregnada
Recurvada e feliz em âmnio.

Doce umidade antes de acordar.
Voz serena e grave
Sorriso tênue, suave.
Nem rima precisa.
Tão divino é o homem amar.

A FÚRIA DO MUNDO II

Veio a onda, levou meu bote
Construído com tanto ardor,
'Rebatou-me, como em trote.

Desemboquei no mar, e veio a fúria
A cólera do mundo, em dilúvio
Sobre quem ousa andar sobre as águas.

Agarrei-me num jacaré
Um jacaré amigo,
Não me devorou.
Era um jacaré amigo.

Deixou-me ali naquela tábua.
O rio é fundo. Tão fundo quanto a alma.

(Meu pai uma vez quase se afogou no rio.)
(E a filha de uma amiga quase se afogou no
mar.)

Já na praia estou. Em Marajó. Numa ilha.
Não há ninguém.
É uma ilha.
Ouço apenas as maritacas.

E vejo as araras azuis migrando.
Estirada na praia.

Ubiracy, o índio musculoso, resgata Maria de Lampedusa! Não! Ele não a abandonou! Veio apenas na forma de um marinheiro usando terno de cambraia de linho, dando chamegos e cheirinhos! Meu Deus! Que homem divino! Até parece Ubiracy! Quando era direitinho! Metuculoso, o marinheiro prepara seu jugo, em leite amparado em emoções díspares. Joga-se sobre o seu corpo de açucena.

Maria de Lampedusa, sem embargo, despede-se.

– Pindorama, Pindorama...

Num dengo, junta suas coisas, e dirige-se ao navio. Lembra-se das dores, como homem bravo. Embora de saia fossem desenhados seus passos. Maria de Lampedusa, em um espelho, nota seus traços. De portuguesa, olhar de inglesa, hispano abraço.

Recebe-a o almirante, desejoso em conhecê-la.

– Maria de Lampedusa! Que incrível vê-la! A virgem dos desígnios inflexíveis de amar só um. Se a todas mulheres não faltam vices,

foste eu o homem que te disse: a mim não incomoda ser importunado por teus beijos!

Mas Maria de Lampedusa cala. “A gente trabalha com o que tem. Melhor você, Ubiracy, e mais ninguém. Pois na vida é feliz quem com pouco se satisfaz. Quem confere exclusividade a tudo aquilo que faz. Quem ora insone, e em amor retribuído, encontra a paz”.

E, educadamente fechando a escotilha de sua cabine subterrânea, encerra-se no exílio afetivo, em monastério de amor demandado, e não nascido. Maria de Lampedusa resigna-se em olhar para o teto do casco, em desejo adormecido.

FELIZ FORTUNA

É melhor ser esquecido?
Ou ser lembrado?
É melhor ter morrido?
Ou ter amado?
Só sei que esqueci de lembrar.
Só sei que lembrei de esquecer.
Só sei que morri de amar.
E de repente amei você.
Num amém-Jesus,
Esquecendo, lembrei.
E de repente, morrendo, amei.
Mas lembrei do que esqueci?
E tendo amado, morri?
Não me lembro se esqueci.
E não amei demais. Não morri.
Me esforço então por lembrar
Como é morrer de amar.
Pois se lembro, é pura sorte
De como te amar até à morte.

O NAVIO DA MULHER INFANTE

Embarcação antiga de madeira estalada,
Com sereia na roda de proa dourada.
Deixa para trás os filetes encardidos de água
barrenta.

Parte em rumo ao mar transparente,
Em que nada se vê, quando se tenta.

É preciso mergulhar em águas límpidas,
Para desvelar os segredos profundos
Que se ocultam nos véus da mente.
É preciso ter visto o rodamoinho
E saber, na vida, o que se sente.

Afinal, tudo é elegia de um mesmo fato,
De uma infinitamente repetida ilusão.
Mudam apenas os cascos lixados,
Que se corroeram até à exaustão.

Só vejo a bela proa, soerguida na linha
d'água;
Que me importa a carena perdida, se a borda
é saída,
De ante a vante, de ré, e da ré a través?

Se a nau ergue nua, e o leito é a rua,
E ainda cobrem-me os pés.

Deixo aos outros infelizes o humor
beligerante.

Não cabe aqui explicar
O penhor de mulher infante.

IMPACIÊNCIA

Ubiracy, por que me diminues,
Se por dentro me queres?
Por que me dispensas, se não tens outras
mulheres?
Se não há, em sua boca,
Favo que seja mais doce
Se é puro instinto, o meu carinho,
E o desespero de que te fosses.

Ubiracy, nobre cacique,
Não experimentou desilusão.
Viveu sempre de seu futuro
Quando no máximo, de um sermão.

Já teve a sede que não passa?
Sentiu nos dedos um gesto simples?
Se tudo atinge, e se lhe abraça
A meta própria, e não há esfinge!

Ubiracy, me dá preguiça.
Escrever-te um pouco mais.
Porque te amo, não sou triste.
Só que tampouco sou contumaz.

A ÚLTIMA MENSAGEM A UBIRACY

Como se deixa no passado,
A trava que impede os olhos?
A trava em coração falho
Que sangrou em íngremes votos?

Como se extirpam da mente
Sobras de bons pensamentos
Que tornam tudo deprimente
Que já não geram contento?

Como se deixa a memória do corpo,
Recordação vívida de longo encanto,
Mas de percorrer estando morto?

Se a alma só aceita puramente enlevar-se,
Recusando a sábia e rígida prudência,
Se ao corpo celebrar-se, pede a vida em
docência.

UBIRACY ACENA DA MARGEM

Doce despedida,
Em feminino desespero,
Maria de Lampedusa chora,
Em seu autodegrado.

Ubiracy, dali da margem,
Sopra beijos de distância
Próximos apenas de si,
Eivados de pouco sentimento.

Maria de Lampedusa diz.
Ainda estás em meu pensamento.
E segues pouco depois de cada indiferença
Que me acomete.

O navio zarpa, mas, oh! Maria de Lampedusa
ouve em voz profundamente grave o cântico
visionário de Castro Alves. “Ó mar, por que
não apagas/Co'a esponja de tuas vagas/De teu
manto este borrão?.../Astros! noites! tempesta-
des!/Rolai das imensidades! Varrei os mares,
tufão!”

E chorando, evanesce o sol e azul celeste, e
as lágrimas de Maria de Lampedusa, em pro-
funda inimizade com o desejo, produzem uma
catástrofe! O navio naufraga, e escorrem pelas
escotilhas diversas os passageiros despreca-
vidos, que vão sendo devorados pelos monstros
mais odiosos, visitantes indesejados das pro-
fundezas do rio!

Ubiracy salta! E busca, num átimo, nadar até o
rodamoinho onde giram os destroços da inicia-
tiva falida do *Veritas*! Pois que o amor revela-
do desaparece, e assim se desespera, Maria de
Lampedusa, entrementes balançando os braços
e tentando apoiar-se em algo que as ondas vio-
lentas levam!

Recolhida inconsciente, raramente arfa o
imo peito, em tão baixa voz se pronuncia,

produzindo uns sons incompreensíveis. Já não tem força alguma a vontade de Maria de Lampedusa, mormente foge do sentimento, para não mais ferir-se. Declama sem ardor algum, no vazio pendendo o olhar, já sem ver nada que lhe aprouvia no amor de antes.

Abre os olhos semicerrados, e num fim de fôlego vê seu índio Ubiracy.

SALVAMENTO EM MARAJÓ

Amar não é finalidade,
Amar não é ter senão,
Sem ter maior prioridade,
O amor é amar o perdão.

Ubiracy, que te abraço em meu puro seio,
E em teu abraço encontro a prece
Que em êxtase de amor o corpo exala,
Enquanto a alma triste adormece.

Agarro teu corpo, como se para sobreviver
Disso tudo em mim dependesse!
Pois já não tenho forças para
desvencilhar-me,
E nas águas límpidas dos teus olhos, caber-
me.

E me prendo neste canto delicioso,
Ao teu corpo fatigado,
De carregar-me no teu ombro,
E ver teu peso poupado.

PINDORAMA REABRE

Detrás do papel semitransparente
Refulge a luz que não se apaga
Brilha no reflexo contente
Em olhos de amor refratada.

Em Pindorama, diligente,
Por uma razão qualquer,
Desperta cedo em minha mente
Ubiracy, quando me quer.

É como um mundo que se sustenta
Não importa se hoje, ou se amanhã
É consequência que me alimenta
Inesperada, ardida e sã.

Quem é meu amor, que experimenta
Meu corpo inerte, toda manhã?

E salva a vida, perdida em crença
De que é triste, vazia e vã.

PINDORAMA É EM TODO LUGAR

E acabou-se então a história.
Juntou-se Ubiracy à tropa lançada ao mar
Maria de Lampedusa convenceu-o
De que é melhor que qualquer lugar
A terra virgem, quase asceta
Ao redor de Malta e de Creta,
Onde as moças vivem a sofregar.

(Pindorama fica em linha reta
Logo à esquerda, depois do bar).

Do sôfrego suspiro, nasceu o homem
Oscitando no colo de uma mulher
Despojado de impulsos que domem
Disse-se: seja o que Deus quiser.

Subiu à proa, e viu ao longe
A notável imensidão
Que nos faz tão pequeninos
E convida à mansidão.

Viu que o mundo é mais que a selva
Sentiu a brisa, a vida, a relva
Viu que amar enquanto resta

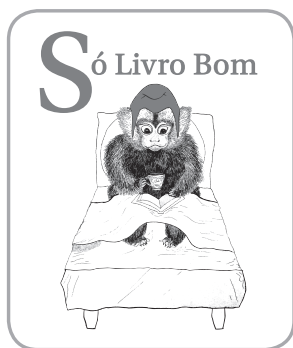
É um prazo interminável
Que viver é só o que presta
E o presente é imposterável.



Ana Paula Arendt, pseudônimo de R. P. Alencar, é escritora, poetisa e diplomata. Nasceu em 1980, em Rondônia. Diplomada em Relações Internacionais e Mestre em Ciência Política, trabalhou desde 2004 na área de Direitos da Infância e da Adolescência, antes de entrar para o Itamaraty, em 2008. Mãe de Catarina, Tomás Antônio e João Davi. Morou em São Paulo, Montevideu e Brasília, onde reside hoje.

Autora de livros infantis, de peças teatrais, de romances e de coletâneas de poemas. Publicou “A Verdade é Filha da Mentira” e “Rumo à Liberdade”, pela Azougue Editorial. Autora do romance de boteco “Trinta Moedas para o Diabo”, do poema épico “Penthesilea”; e a obra premiada “O Constituinte”.

www.anapaulaarendt.com



A CRIAÇÃO DE *Pindorama*

ANA PAULA ARENDT

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-920755-7-6



9 788592 075576

Um livro de sambas e chorinhos, que conta em versos a dramática história de amor entre a navegante Maria de Lampedusa e o índio Ubiracy.

“Pindorama, minha pátria querida,
Em que as flores pendem tranquilas
Em ramas pudicíssimas de botões perfumados
Derramados sobre meus cabelos.

Pindorama, minha pátria que brilha
Nas copas das sibipirunas a luz desvencilha
Crivada do fanal em dourados fachos
Repousados em meus luzeiros.

País onde os homens são livres!
E as mulheres também.
Mundo em que homem sensível
Faz mulher gostar de alguém.

Pindorama, terra de quem foi vencido
E vendido, viveu decepcionado
Terra que me deu abrigo
Terra do meu homem amado.”

